

A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA E DA IDENTIDADE EM AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM COLETIVA: UM ESTUDO DE CASO NO INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA.

Rodrigo Rodrigues de Oliveira (Instituto Federal de Brasília – rodrigo.pedagogo@gmail.com)

Grupo Temático 3. O Estudante da EaD em foco

Subgrupo 3.4. Autonomia, identidade e coletividade na aprendizagem virtual

Resumo:

Este estudo tem como objetivo investigar nos discursos dos estudantes do Instituto Federal de Brasília, do Curso Técnico Subsequente em Logística, ofertado na modalidade de educação a distância, os caminhos percorridos pelos educandos na construção de seus conceitos de autonomia e identidade no ambiente virtual de aprendizagem. A metodologia empregada foi uma pesquisa de abordagem qualitativa baseado em um estudo de caso e o questionário foi o instrumento utilizado na coleta de dados. A análise dos dados recolhidos foi guiada pelo arcabouço teórico da análise de discurso da escola francesa Pêcheux (1998) e Orlandi (1996, 2001, 2004) e Íñiguez (2004). Os resultados apontam que é possível construir, paulatinamente, a autonomia e a identidade a partir dos ambientes virtuais de aprendizagem. Nos ambientes virtuais de aprendizagem, os estudantes corporificam-se através do discurso. Portanto, os ambientes virtuais de aprendizagem contribuem para a consolidação da autonomia e da identidade.

Palavras-chave: Autonomia; Identidade; Ambiente Virtual de Aprendizagem e Educação a Distância.

Abstract:

The objective of this study is to investigate the speech of the students from Instituto Federal de Brasília (Brasília's Federal Institute) and also from de course Técnico Subsequente em Logística (Logistics Subsequent Technical), offered in distance learning modality, furthermore the ways students tend to follow while they are building their autonomy concepts and identity in virtual schooling environment. The applied method was a qualitative approach survey based on a case report, and the questionnaire was the tool used to gather information. The analyses of the collected data was guided by various theorists from the French Discourse Analyses as Pêcheux (1998), Orlandi (1996, 2001, 2004) and Íñiguez (2004). The results point to possible gradual autonomy and identity self-building from virtual schooling environment. It is presupposed that students materialize themselves through the discourse on virtual environments. It is possible to infer that virtual schooling environment contributes for the consolidation of autonomy and identity.

Keywords: Autonomy; Identity; Virtual Schooling Environment and Distance Learning.

1. A reengenharia da sala de aula

Transformações vivenciadas pela sociedade contemporânea com o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) têm fomentado discussões que nos permitem refletir a respeito do aluno no contexto da Educação a Distância (EaD). Isso porque, o uso dessas tecnologias possibilitam o surgimento de novas possibilidades de construção de conhecimentos, baseadas em princípios metodológicos interativos e

colaborativos mediados pelo uso de plataformas, num ambiente virtual de aprendizagem (AVA).

Para Okada (2004 *apud* Nascimento, 2008, p. 6), os AVAs podem ser divididos em três tipos de ambientes: instrucional, interativo e cooperativo. No ambiente instrucional o conteúdo ocupa o lugar central, a interação é mínima, ou na maioria das vezes não existe, e a participação online do estudante é individual. Na realidade este modelo é caracterizado por ser auto-explicativo, acompanhado de testes online e textos escritos, assim, os conteúdos são transmitidos para um aluno passivo, que não tem possibilidade de indagar ou interferir na informação recebida. Em outras palavras, neste modelo prevalece a educação bancária centrada no conteúdo.

No ambiente interativo a participação é basilar. Os materiais são desenvolvidos durante o curso a partir das apreciações e reflexões dos participantes. O desenvolvimento das atividades pode ser organizado de acordo com temas de interesse e profissionais externos podem ser convidados para conferências. Este modelo apresenta uma característica, isto é, a participação de um professor ou tutor. A intervenção do professor/tutor surge como forma de organizar o aprendizado e, deste modo, existe muita discussão e participação entre os alunos. Como consequência, os conteúdos apresentados objetivam o “envolvimento e são desenvolvidos ao longo do curso, por meio de opiniões e reflexões dos participantes com as ideias formuladas durante a discussão” (OKADA, 2003, p. 275).

O ambiente cooperativo é caracterizado pelo compromisso do trabalho colaborativo e participação online, há muita interação entre os participantes, construção de pesquisas, descobertas de novos desafios e soluções (OKADA, 2004 *apud* NASCIMENTO, 2008, p. 6). O último arquétipo é mais condizente com a perspectiva da EaD, pois surgem várias possibilidades de comunicação multilateral (todos-todos); de uma educação não-linear onde cada sujeito tem a possibilidade de fazer suas escolhas e trilhar os caminhos mais adequados à sua formação; de uma educação que promova o protagonismo dos sujeitos de modo que cada voz pode ser a sua própria ou a do outro e não mais daquele que detêm o conhecimento.

O processo educativo, neste novo contexto, assume um papel significativo ao converter-se num cenário que prepara o educando para além de sua atuação como indivíduo, mas em alguém crítico-reflexivo disposto a modificar sua realidade.

A atuação efetiva dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem na EaD por meio da utilização de diferentes recursos tecnológicos não só os preparam para a construção do conhecimento de um sujeito social, comprometido com o processo, mas também com a sua formação pautada na coletividade, ou seja, protagonista de sua própria aprendizagem.

A EaD foi ampliada por meio do uso intensivo das TIC modificando o processo ensino-aprendizagem, desta forma evidenciou-se a necessidade de maior autonomia por parte dos sujeitos envolvidos, isso acontece mediante a interlocução entre os sujeitos, o ambiente e as tecnologias. Fica, então, latente a questão da coletividade na construção de novos saberes nos ambientes virtuais de aprendizagem, potencializados por atividades com práticas colaborativas. Segundo Lévy (2001, p. 155) “a aprendizagem irá agora se acelerar a um ritmo bem mais rápido do que até então”.

Ao admitir a aprendizagem coletiva como um processo de natureza interdisciplinar que pressupõe flexibilidade, interatividade, adaptação, cooperação, apoio mútuo e parcerias

abrem-se as possibilidades da EaD permitindo ao aluno a busca de sua autonomia e identidade.

2. Um histórico para começar

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília e seus cinco *Campi*, entre eles o *Campus* de Taguatinga Centro remonta ao final de década de 50 com a criação, em 17 de fevereiro de 1959, da Escola Agrotécnica de Brasília localizada em Planaltina e subordinada à Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário do Ministério da Agricultura.

Atualmente o *Campus* Taguatinga do IFB oferece os seguintes cursos: Técnico em Comércio, pós-graduação Lato Sensu em Gestão Pública, cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) em Inglês e Espanhol, Empreendedorismo com Ênfase em Alfabetização, Licenciatura em Letras - Habilitação Espanhol e cursos técnicos na modalidade de EaD. Na modalidade EaD são ofertados os cursos: Secretariado Escolar, Infraestrutura Escolar, Multimeios Didáticos e Alimentação Escolar específicos e exclusivos para servidores do Governo do Distrito Federal (GDF) e os cursos Técnicos, aprovados pela E-tec, em Segurança do Trabalho, Administração, Meio Ambiente, Logística e Serviços Públicos em consonância com os acordos de Cooperação Técnica entre o IFB e a Secretaria de Trabalho do Distrito Federal (SETRAB) e o Instituto Federal do Paraná (IFPR).

O IFB fundamenta sua política de EaD nos termos das Resoluções CD/FNDE Nº 36, de 13 de julho de 2009; CD/FNDE Nº 18, de 16 de junho de 2010 e CD/FNDE Nº 24, de 16 de agosto de 2010; com amparo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), da Lei Nº 11.273, de 06 de fevereiro de 2006, e do Decreto Nº 6.301, de 12 de dezembro de 2007.

O curso Técnico Subsequente em Logística, ofertado na modalidade EaD, pelo Instituto IFB em parceria com o IFPR e a SETRAB oportuniza e viabiliza vários componentes que proporcionam ao sujeito o exercício da construção de sua autonomia e de sua identidade de maneira ativa.

O formato do curso está organizado por módulos. O planejamento modular enseja uma relação dialógica permanente entre coordenadores, professores pesquisadores e tutores. Os trabalhos são desenvolvidos através de uma metodologia interdisciplinar que prima pelo estudo de problemas concretos, projetos de investigação e roteiros de forma contextualizada, interdisciplinar e transdisciplinar com o fito de desenvolver nos alunos as competências de analisar, explicar, prever, planejar, intervir, e supervisionar na sua área de atuação.

As atividades propostas no AVA são as Atividades Autoinstrutivas (AAI) “atividades de revisão para fixação do conteúdo proposto no livro didático que são respondidas no AVA no final de cada modulo” (IFPR, 2011, p. 35) e as Atividades Supervisionadas (AS) discursivas compostas por reflexões sobre pontos apresentados nos livros didáticos “atividades em grupo, cuja metodologia é multidisciplinar. Que prima pela pesquisa, pela autonomia intelectual e pela relação prática do que está sendo estudado” (IFPR, 2011, p. 35) além dos fóruns temáticos das disciplinas existe também a sala do café, o fórum de notícias e o fórum da Atividade Supervisionada.

3. A construção de conceitos: autonomia e identidade

Uma descrição etimológica da palavra autonomia nos parece importante nesta discussão e é oferecida pelo professor Oreste Preti, um dos pioneiros na implantação de cursos em Educação a Distância no Brasil, da Universidade Federal do Mato Grosso:

Em sua etimologia, autonomia vem do grego, resultado da composição do pronome reflexivo, com posição atributiva, *autós* (próprio, a si mesmo) com o substantivo *nomos* (lei, norma, regra). Para os gregos, significava a capacidade de cada cidade se autogovernar, de elaborar seus preceitos, suas leis, dos cidadãos decidirem o que fazer. Era o pleno direito à liberdade política e econômica. Cada cidade um estado, um estado democrático. Por outro lado significava a recusa à subjugação a um rei, a um tirano, a grupos oligárquicos e a afirmação do ser-cidadão e a negação do ser-escravo. Era uma qualidade inerente ao ser cidadão (PRETI, 2000, p.7).

A concepção de autonomia se transpõe nos dias de hoje por meio de autores como Paulo Freire (1993) e Vani Kenski (2005) que nos proporcionam uma abordagem atualizada do sujeito autônomo dentro deste contexto social permeado pelas mudanças advindas das TIC. Freire (1981, p. 79) afirma “Ninguém educa ninguém os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo”. Neste sentido, percebemos que a EaD deve fomentar que os educandos construam o conhecimento por meio da interatividade.

Para Paulo Freire:

A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. [...] Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada (FREIRE, 1996, p.120).

Durante a caminhada do aluno em um curso EaD é importante que o mesmo conquiste sua autonomia e sua identidade. Essa conquista só é possível, coletivamente, quando todos os sujeitos reconhecem no ambiente virtual de aprendizagem um discurso comum. A construção da autonomia em ambientes virtuais de aprendizagem é algo democrático que requer disciplina, decisão, persistência, organização, avaliação, motivação e, sobretudo, responsabilidade por parte do educando haja vista que é o mesmo quem define quando dedicará maior tempo ao estudo, onde o fará, qual o ritmo a seguirá e quanto tempo será destinado a essa prática.

Ser um aprendiz autônomo no contexto das TIC é saber utilizar os recursos tecnológicos que a modalidade disponibiliza, adequando-os ao que seja imprescindível para a consecução do curso.

Segundo Kenski:

É preciso que os alunos ganhem autonomia em relação as suas próprias aprendizagens, que consigam administrar seus tempos de estudo, que saibam selecionar os conteúdos que mais lhe interessam, que participem das atividades, independentes do horário ou local em que estejam (...) é preciso que se organizem novas experiências educacionais em que as tecnologias possam ser usadas em processos cooperativos de aprendizagem, em que se valoriza o dialogo e a participação permanente de todos os envolvidos no processo (KENSKY, 2005, p.73).

Assim, alguém é autônomo quando manifesta um comportamento independente, sendo capaz de viver em função de princípios próprios. Entretanto, é necessário lembrar que

quando se fala da autonomia na EaD, estamos nos referimos a uma característica básica do discente nessa modalidade de educação. Como já havia dito Freire (1993, p. 10) "Ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos".

Elucidada a definição epistemológica de autonomia parte-se, agora, para a definição do conceito de identidade.

A construção da identidade na EaD é algo que reúne uma diversidade de identidades sociais - etnia, raça, gênero e cultura - pelas suas características de ampliação e (re)democratização dos espaços educativos. Como diz Kenski (2013, p.24) "estamos vivendo um novo momento [...] a ampliação das possibilidades de comunicação e de informação, por meio do computador altera nossa forma de viver e aprender na atualidade".

Incitar questionamentos a respeito da identidade na EaD é de grande valia porque possibilita a compreensão dos sujeitos que se relacionam por meio dos computadores.

Com o surgimento das Ciências Humanas como, por exemplo, a Psicologia e as Ciências Sociais foi desenvolvida, no século XIX, a concepção de identidade. Nos reportaremos a origem etimológica da palavra identidade que traz a noção de algo fixo conforme apresentado no Dicionário de Termos Literários.

Termo de origem latina, formado a partir do adjetivo "idem" (com o significado de "o mesmo") e do sufixo "dade" (indicador de um estado ou qualidade). Como tal a etimológica deste vocábulo conduz a sua aplicação como qualificadora daquilo que é idêntico ou o mesmo, sendo, assim, identificadora de algo que permanece (2014).

A identidade tendo como base o aspecto físico corrobora com esta tese, pois o corpo é o principal elemento constitutivo do ser humano que o caracteriza. Inicialmente, também existia a ideia que considerava a identidade como sinônimo de personalidade. A Psicologia Social desmistificou essa ideia expondo a visão de uma identidade composta pelo que é interno e o que é externo mostrando, assim que a identidade é constituída de fatores psicológicos e biológicos, concomitantemente, com núcleo central da cultura.

Segundo Erickson (1987) a construção da identidade por parte do sujeito ocorre através de reflexões e observações feitas pelo individuo em comparação com os outros. Este processo é feito inconscientemente em sua maior parte. Está ocorrendo e evoluindo. "a introjeção, a identificação e a formação de identidades são os passos pelos quais o ego se desenvolve numa interação cada vez mais madura com os modelos existentes" (ERICKSON, 1987, p. 159).

A Sociologia compartilha desta visão e também entende a identidade composta por essas duas visões: pessoal (individual) e social (coletivo). Hall (2006, p. 11) afirma que "de acordo com essa visão, que se tornou a concepção clássica da questão, a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade".

Castells (2000, p. 23) reitera "do ponto de vista sociológico que toda e qualquer identidade é construída [...] a construção de identidade vale-se da matéria prima fornecida pela memória coletiva".

Para Castells:

Identidade é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. [...] identidades constituem fonte de significados para os próprios atores, por eles originadas e construídas (CASTELLS, 2000, p.22).

Os estudos da Psicanálise de Freud (1856 - 1939) corroboram a tese de que os seres humanos são dotados de um inconsciente que exerce grande influência sobre as atitudes, os valores e as ideias como explica Hall:

Nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente funciona de acordo com uma “lógica” muito diferente daquela razão, arrasa com o conceito de sujeito cognecente e racional provido de uma identidade fixa e unificada (HALL, 2006, p.36).

A perspectiva dos Estudos Culturais explicita a importância da cultura na construção da identidade que é criada pela linguagem e pelo discurso. “A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder” (TOMAZ, 2005, p. 97).

Nesta breve descrição é possível compreender que a construção da identidade se insere em um campo de correlações e forças. A cultura nos constitui como sujeitos sociais, nossa maneira de pensar, interagir, sentir conduz nosso olhar nossa percepção.

Discutir EaD e identidade abrange a articulação de saberes em diversas áreas do conhecimento, pois diz respeito a complexidade do sujeito, sua história, sua relação com o outro e, sobretudo, as tecnologias do mundo contemporâneo. O desenvolvimento tecnológico favoreceu a comunicação a distância e o computador se tornou um dos dispositivos técnicos através dos quais os sujeitos enxergam o mundo.

E neste cenário surge uma nova cultura que Lévy denomina de *ciberespaço*:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p.17).

Neste espaço, que surgiu da interação através da *internet*, as pessoas estudam, se engajam em atividades diversas, fazem amizades enfim é um *locus*, mesmo que virtual, no qual se constroem a autonomia e, sobretudo, a identidade. Castells enfatiza a existência da cultura virtual que transforma as experiências humanas de percepção e criação simbólica:

Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo da nossa cultura. Como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo (CASTELLS, 1999, p.413).

Neste ínterim o sujeito tem diante de si uma gama de mecanismos de interação e composição da identidade própria. Deste modo, o corpo não é mais a primeira referência para composição de identidades - sexual, gênero, etnia e raça - conforme ocorre nas relações presenciais, mas sim os interesses comuns, valores e interconexões no campo das

ideias. Kenski (2013, p. 67) reitera esta ideia ao afirmar que “as condições étnicas, culturais, sociais, a idade e o aspecto físico tornam-se irrelevantes [...] os alunos se unem no ciberespaço de novas e diferenciadas formas”.

A questão da identidade está, na contemporaneidade, sendo extensamente discutida. Stuart Hall em sua obra intitulada “A identidade cultural na pós-modernidade” explora a questão da identidade na modernidade e enfatiza:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais (HALL, 2006, p. 9).

O ciberespaço revela várias possibilidades e configurações para a constituição da autonomia e da identidade. Não há discriminações e tampouco deslocamento. Os alunos inauguram uma nova era para a educação.

4. Metodologia: caminhos percorridos

Para Lopes (2002) toda pesquisa é resultado de um conjunto de decisões e opções tomadas pelo investigador ao longo do processo de investigação e que marcam todos os níveis e etapas desse processo. Segundo ela, pesquisas:

São decisões e opções de caráter epistemológico, teórico, metodológico e técnico, e incidem seja sobre a construção do objeto, seja sobre sua observação e análise, sendo que o quadro teórico – metodológico da pesquisa vai se construindo em processo e não fixado *a priori* (LOPES, 2002, p.25).

Tomamos como base os princípios da investigação qualitativa adotando-se como procedimento para a coleta de dados um questionário composto por questões abertas e questões fechadas. Acreditamos ser este um instrumento capaz de obter de um grupo de pessoas informações sobre conhecimentos diversos, tais como; crenças, sentimentos, valores e interesses. (Gil, 1999, p.121).

A adoção da pesquisa exploratória neste caso justifica-se por ser esta a que apresenta menor rigidez em seu planejamento tendo como objetivo esclarecer conceitos e ideias com fins a proporcionar uma visão mais próxima acerca do fato escolhido para estudo.

Utilizamos uma abordagem qualitativa do tipo estudo de caso por acreditarmos que este “se constitui numa unidade dentro de um sistema mais amplo, capaz de focar nosso interesse naquilo que ele tem de único, de particular que tem valor em si mesmo” (Lüdke e André, 2004, p.17).

Segundo Yin (*apud* Gil, 1999, p.73) o estudo de caso é um estudo que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade. No caso desta pesquisa, este estudo procura compreender de que forma os alunos do IFB, do Curso Técnico Subsequente em Logística, ofertado na modalidade EaD, constroem na coletividade seus conceitos de autonomia e identidade no ambiente virtual de aprendizagem.

A análise dos dados recolhidos foi guiada pelo arcabouço teórico da análise de discurso da escola francesa Pêcheux (1998); Orlandi (1996, 2001, 2004) e Íñiguez (2004).

5. Análise dos dados: a contextualização dos discursos

A EaD recebe as influências do contexto em que faz parte e neste ambiente o processo construtivo da autonomia e da identidade se dá, entre outras coisas, por meio do processo de apresentar-se, isto é, de se tornar presente no ciberespaço. Para Hall (*apud* Hall, 2006, p. 13) “a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Os discursos que se configuram, no AVA, são posicionamentos em outras palavras podemos inferir que são a corporificação dos sujeitos. Orlandi afirma que:

No funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos [...] São processos de identificação dos sujeitos, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade (ORLANDI, 1999, p. 21).

Conforme Pêcheux (1998, p. 15) “o sentido de uma expressão, de uma proposição [...] não existe “em si mesma” [...] mas é determinada pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo social histórico”. Deste modo, torna-se perceptível que o discurso do sujeito/aluno produz sentido para além do AVA.

A coletânea dos discursos apresentados a seguir foi realizada pelo recorte das falas dos sujeitos/alunos (19 participantes), produzidas a partir da resposta ao questionário, especificamente na definição de educação a distância, na constituição da autonomia e na formação da identidade dos alunos no AVA.

O processo de constituição da autonomia e da identidade dos alunos do IFB se dá a partir do momento em que os mesmos ingressam na instituição. As declarações, as carteirinhas estudantis são documentos que, também, identificam simbolicamente o aluno. A história do IFB e os valores transmitidos pelo coletivo, isto é, pelo Instituto fornecem a matéria-prima que possibilitam aos alunos construir suas identidades e desenvolverem a sua autonomia enquanto estudantes.

Corroborando com a ideia de Moran (2002, p. 1) que conceitua a EaD como “o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente” evidenciamos na fala de alguns alunos a definição de educação a distância:

[...] ótima forma de aprendizagem principalmente para quem trabalha e não pode comparecer todos os dias [...] (C. J. R. P. 21 anos).

[...] a educação a distância eu defino como uma boa forma para aqueles que não tem disponibilidade de fazer um curso presencial [...] (A. E. L. 19 anos).

[...] é o estudo mais simplificado para quem não tem tempo para estudar presencialmente auxilia na formação dos estudantes [...] (V. S. D. 26 anos).

[...] Interessante, pois não tenho tempo disponível para fazer um curso presencial. O curso a distância está me ajudando muito [...] (O. L. T. S. 31 anos).

Conforme Íñiguez (2004, p. 43) “a linguagem é a própria condição de nosso pensamento, ao mesmo tempo em que é um meio para representar a realidade”. Assim, por meio do discurso dos alunos é notável que a educação a distância na maioria das vezes está relacionada à falta de tempo para frequentar um curso presencial. Nesse sentido, compreendemos que a ruptura com o espaço e com o tempo caracteriza e constitui a EaD.

É importante destacar, também, que a fala dos sujeitos/alunos é permeada por mitos como, por exemplo, a de que é possível estudar quando se quiser:

- [...] é o estudo mais simplificado [...] (C. J. R. P. 21 anos).
- [...] ensino com facilidades [...] para o estudo [...] (G. G. N. 39 anos).
- [...] mais comodidade para quem trabalha e quase não tem tempo para os estudos[...] (R. 33 anos).

Desta forma, identifica-se um contraponto conforme destaca Belloni (1999, p. 31) “a motivação e a autoconfiança do aprendente são condições *sine qua nom* do êxito de seus estudos”. A EaD exige disciplina, isto é, o aluno precisa ser extremamente responsável com o seu horário de estudos e pressupõe-se também que o aprendiz deve participar coletivamente da aprendizagem e compartilhar saberes e experiências.

Como diz Orlandi (1999, p. 34) a análise do discurso consiste em considerar o não-dito naquilo que é dito. É perceptível a partir do discurso dos educandos algumas características essenciais na constituição da autonomia de um aluno em EaD:

- [...] organização, disciplina, proatividade [...] (C. J. R. P. 21 anos).
- [...] aplicado e disposto a buscar novos desafios [...] (R. P. 33 anos).
- [...] persistência, dedicação e disciplina [...] (C. L. M. 37 anos).
- [...] disciplina, responsabilidade e comprometimento [...] (V. S. D. 26 anos).
- [...] responsável, disciplinado, organizado atencioso [...] (O. L. T. S. 31 anos).
- [...] responsabilidade, dedicação e organização [...] (M. S. R. C. 32 anos).

Os discursos acima vão de encontro ao referencial teórico adotado, sobretudo, no que refere a Paulo Freire que nos diz que a autonomia vai se constituindo ao longo do tempo, ou seja, ocorre de modo paulatino nos ambientes virtuais de aprendizagem.

Presencia-se, nas expressões dos sujeitos que a identidade é constituída a partir da efetiva participação dos mesmos no AVA. Como Kensky pontua:

O ambiente virtual de aprendizagem se constrói com base no estímulo à realização de atividades colaborativas, em que o aluno não se sinta só, isolado, dialogando apenas com a máquina ou com o instrutor, também virtual. Ao contrário, construindo novas formas de comunicação, o espaço virtual se apresenta pela estruturação de comunidades on-line em que alunos e professores dialogam permanentemente, mediados pelo conhecimento (KENSKY, 2013, p.55).

Os alunos constroem, efetivamente, suas identidades ao participarem do AVA; uns contribuem por porque julgam ser essencial e outros se sentem convidados a participar porque as discussões lhe interessam. Tal evidencia pode ser conferida por meio dos posicionamentos:

- [...] oportunidade de inclusão, crescimento intelectual e profissional [...] (C. L. M. 37 anos).
- [...] ótima forma de se descobrir [...] (M. H. 27 anos).
- [...] uma busca real no desenvolvimento pessoal [...] (A. O. L. 39 anos).
- [...] um novo caminho de oportunidades [...] (F. M. B. 31 anos).

Ao (re)conhecer a multipluralidade de discursos no AVA, temos a possibilidade de criar e recriar estratégias que possibilitem o desenvolvimento da autonomia e a constituição da identidade, nas trocas e nas relações estabelecidas entre os membros do grupo.

A sociabilidade constituída no ciberespaço, em várias ações da EaD, permite olhar e perceber o outro pela sua forma de pensar, pela forma como se apresenta no espaço virtual.

Conforme pontua Lévy (1999, p.126), “(...) a Internet é um dos mais fantásticos exemplos de construção cooperativa internacional (...)”. O autor entende “(...) o ciberespaço como prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária, o ciberespaço como horizonte de um mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir”.

Portanto, urge um fazer educativo que ofereça múltiplos caminhos e alternativas, distanciando-se do discurso da resposta correta, da sequência linear de conteúdos, de estruturas rígidas e dos saberes prontos. O momento exige que coloquemos como meta da EaD o preparo do aluno para saber pensar, sistemática e criticamente. É pela interação grupal que o educando vai construir a sua identidade e tornar-se autônomo.

6. Uma reflexão final

Não tínhamos a pretensão de trazer respostas a partir deste artigo, apenas procuramos mostrar como os ambientes virtuais de aprendizagem são ricos. Esses espaços interativos propiciam a troca de saberes, ressignificando assim o conceito de conhecimento.

A história e os valores transmitidos no ambiente virtual de aprendizagem fornecem a essência que permite aos educandos construir suas identidades e desenvolverem sua autonomia. Para construir sua própria história, eles registram e trocam experiências (re)estabelecendo a comunicação que é compartilhada pelo grupo. A instituição também ocupa lugar significativo no que diz respeito à constituição da identidade, sobretudo, os tutores, professores, coordenadores e todo o corpo da instituição. Desta forma, o aluno da EAD precisa potencializar competências que lhe permitam adquirir uma formação cidadã autônoma e atuante para a melhoria da coletividade.

Precisamos buscar respostas para muitas perguntas sobre a construção da autonomia e da identidade por parte dos educandos na EaD. Precisamos de obter respostas para perguntas, muitas delas simples, que, por ora, exigem o trabalho de novos referenciais teóricos, novas lentes, a fim de que possamos compreender as mudanças que as novas tecnologias estão provocando na aquisição de habilidades por parte dos educandos, assim por meio dessas ferramentas tecnológicas é possível vislumbrar um espaço de formação inclusiva numa sociedade permeada pelas diferenças. O nosso grande desafio, ainda é por meio das novas tecnologias de informação e comunicação possibilitar a formação humana.

7. Referências

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. Campinas: Autores Associados, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **O poder da identidade**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ERIKSON, E. H. **Identidade e Crise**. Rio de Janeiro: Zarázar Editores, 1987.

EDWARDS, D. Psicologia Discursiva: Teoria da Ligação e método como um exemplo. In: IÑIGUEZ, L. **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais**. Petrópolis, Vozes, 2004.

E-Dicionário de Termos Literários. Disponível em: <
http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=405&Itemid=2> Acesso 24 de abril de 2014.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ. Pró-Reitoria de ensino, pesquisa e graduação. **Projeto Pedagógico. Eixo Tecnológico e Gestão & Negócio. Curso Técnico em Logística**. Modalidade Educação a Distância. IFPR: Curitiba, 2011.

KENSKI, V. M. **Das salas de aula aos ambientes virtuais de aprendizagem**. In: 12º Congresso Internacional de Educação a Distância, 2005. Disponível em <<http://www.abed.org.br/congresso2005>>. Acesso em 08/04/2014.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2013.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **A conexão planetária**. São Paulo: Editora 34, 2001.

LOPES, M. I.V; BORELLI, S. H. S; RESENDE, V. R. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986.

MORAN, José Manuel. **O que é educação a distância**. 2002. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>>. Acesso em: 02 jun. 2014.

NASCIMENTO, R. L; SILVEIRA, R. M. C. F; PINHEIRO, N. A. M. **Educação a Distância na Relação Enfoque Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS)**. In: I SENEPT - Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica. Anais..., Belo Horizonte, MG, 2008.

OKADA, A. L. P. **Desafios para EAD: Como fazer emergir colaboração e a cooperação em ambientes virtuais de aprendizagens?** In: Educação online. São Paulo: Loyola, 2003, p. 273-291.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PRETI, Oreste. **Autonomia do aprendiz na Educação a Distância**. In: _____ (Org.). Educação a Distância: construindo significados. Brasília: Plano, 2000. Disponível em: <<http://www.nead.ufmt.br/index.asp?pg=7>> Acesso em: 02 jun. 2014.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In GADET, Françoise & HAK, Tony. **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: EDUCAMP, 1998.

Tomaz, T. S. **A produção social da identidade e da diferença**. In: _____. Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.